

mosteiro, ensinado pelo monge Pedro Ponce de Leon para nos ajudar quando tínhamos que viver em silêncio.

Quem é esse? Eu gesticulo para Sedge, movendo minhas mãos de forma desajeitada.

Eu ainda estou

enferrujada, e Sedge não aprendeu exatamente a língua que eu aprendi, mas quanto mais tempo estou com ele, mais ele me ensina a me adaptar à maneira como ele se comunica. Embora eu pudesse falar com ele, porque ele não é surdo, acho que ele gosta que eu faça sinais.

Skip, Sedge diz, soletrando as letras. O gato de Ramsay.

O gato me encara com olhos verdes penetrantes, seu rabo balançando para frente e para frente.

Skip mia novamente, inclinando a cabeça para mim.

"Miau para você também", eu digo, tirando meu chapéu imaginário.

Navios são ótimos para gatos, Sedge explica, seus dedos se movendo tão rápido que é difícil acompanhar. Eles cuidam dos roedores.

Você tem muitos roedores? Tento perguntar, embora minhas tentativas sejam estranhas.

Sedge assente gravemente. O sangue.

Ah. O sangue.

Olho de volta para a comida que ele está preparando, cortando atum fresco em bifes. Não é de se espantar que tenha chamado a atenção do gato.

Comemos bem no navio, mesmo não precisando comer. Sedge é um bom cozinheiro, e ele tem que fazer refeições para o filho de Maren e Thane, Lucas, que ainda não se tornou um vampiro e não precisará de sangue até os trinta e cinco anos, então Sedge frequentemente insiste em cozinhar para todos nós bebedores de sangue, mais os

humanos no porão.

De repente, minha nuca formiga, e eu respiro um cheiro que me lembra Larimar, fazendo meu coração pular uma batida.

O gato mia, e eu juro que ele levanta a pata em saudação.

Eu me viro para ver Maren parada na porta da cozinha.

“Aragon,” ela diz em uma voz cortante com um sorriso tenso. “Posso ter uma palavra com você em particular?”

“Claro,” eu digo. Eu aceno para Sedge e caminho com ela para fora da cozinha.

Atrás, eu ouço o gato cair no chão e nos seguir.

“É muito gentil da sua parte usar sua linguagem de sinais com Sedge,” ela diz para mim, suas mãos entrelaçadas na frente, mas eu não acredito no ato recatado.

“Eu aprendi no mosteiro. Tivemos que viver em silêncio por muitos anos como parte do nosso treinamento. É bom poder usá-la novamente.”